

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

Laís Machado Lobo

**A BIBLIOTERAPIA COMO PROPOSTA DE UM PROGRAMA PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL NA SEÇÃO BRAILLE DA BIBLIOTECA
PÚBLICA ARTHUR VIANNA**

Belém
2017

Laís Machado Lobo

**A BIBLIOTERAPIA COMO PROPOSTA DE UM PROGRAMA PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL NA SEÇÃO BRAILLE DA BIBLIOTECA
PÚBLICA ARTHUR VIANNA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado
à Faculdade de Biblioteconomia Universidade
Federal do Pará, como requisito parcial a
obtenção do grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^{fa}. Me. Telma Socorro da
Silva Sobrinho

Belém
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA

LAÍS MACHADO LOBO

**A BIBLIOTERAPIA COMO PROPOSTA DE UM PROGRAMA PARA
PORTADORES DE DEFICIÊNCIA VISUAL NA SEÇÃO BRAILLE DA BIBLIOTECA
PÚBLICA ARTHUR VIANNA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Banca Examinadora da Faculdade de
Biblioteconomia / UFPA como requisito a
obtenção do Grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Data da aprovação: __/__/__

Conceito:

Banca examinadora:

Profª Me. Telma Socorro da Silva Sobrinho - Orientadora

Profª Me. Maria Raimunda de Souza Sampaio– Avaliadora

Profº Hamilton Vieira de Oliveira- Avaliador

“Mediação da Informação é toda a ação de interferência – realizada pelo profissional da informação -, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; que propicia a apropriação de informação que satisfaça, plena ou parcialmente, uma necessidade informacional. [...] a mediação não estaria restrita apenas a atividades relacionadas diretamente ao público atendido, mas em todas as ações do profissional bibliotecário, em todo fazer desse profissional” (ALMEIDA JUNIOR, 2008, p. 46).

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

Lobo, Laís Machado.

A Biblioterapia como proposta de um programa para portadores de deficiência visual na biblioteca pública Arthur Vianna / Laís Machado Lobo; orientadora Prof.^a Me. Telma Socorro da Silva Sobrinho. 2017.

42 f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Faculdade de Biblioteconomia, Belém, 2017.

1. Biblioterapia. 2. Bibliotecário. Biblioterapeuta. 3. Deficiente Visual. Sobrinho, Telma Socorro da Silva Sobrinho, *orient.* II. Título.

CDD 22. - 028.8

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ter me dado o dom da vida, e forças para continuar seguindo em busca dos meus sonhos, mesmo quando tudo parecia perdido, Ele nunca me abandonou sempre me mostrando o caminho para alcançar as vitórias.

Agradeço grandemente aos meus pais Liane Lobo e Rogério Lobo por terem me criado, pelo carinho, por nunca terem deixado faltar nada para mim, pelo incentivo aos estudos, eles fizeram e ainda continuam fazendo tudo que podem por mim, tudo aquilo que não tiveram, fizeram de tudo para que não me faltasse nada, sem eles eu não teria chegado até aqui.

Agradeço a minha orientadora Professora Telma Sobrinho pelos seus ensinamentos, pela dedicação e atenção durante a orientação deste Trabalho de Conclusão de Curso, sem ela não teria conseguido concluí-lo.

Agradeço a todas as minhas ex-chefes de estágio, as Bibliotecárias Rosemarie Costa (ETDUFPA), Ruth dos Santos (CENTUR), em especial a Rosemarie que durante o tempo que trabalhamos juntos, me ajudou bastante, principalmente neste Trabalho de Conclusão. Ela é a profissional a qual eu quero me espelhar, muito bondosa, amiga e uma excelente Bibliotecária.

Aos meus amigos de Faculdade, Ariane Nascimento, Alcimar Gonzaga, Escarlat Santana, Joanne Aires, Junior Santos pela amizade e companheirismo durante esses anos na UFPA, momentos que jamais esquecerei, amigos que levarei para vida toda.

RESUMO

Trata da Biblioterapia como proposta para seção Braille da Biblioteca Pública Arthur Vianna, os métodos biblioterapêuticos aplicados e como o Bibliotecário pode atuar como Biblioterapeuta. Relata a deficiência visual e a importância do Braille na leitura e escrita desses deficientes. O objetivo geral deste trabalho é propor para a seção Braille a técnica da Biblioterapia como forma de um atrativo a mais de leitura e melhoria psicossocial do usuário deficiente visual, tornando-o um elemento participante e útil à comunidade. A metodologia utilizada é descritiva e exploratória, de caráter Quanti-qualitativa, com pesquisa bibliográfica com fonte de autores considerados relevantes da área de biblioteconomia e da biblioterapia a fim de desvendar e propor a importância da leitura como terapia para todos, especificamente os deficientes visuais. Foi realizada a entrevista com dois servidores na seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna e um usuário cego, com o objetivo de conhecer o espaço, os serviços prestados, a frequência e etc. Propondo a Biblioterapia como uma atividade de melhoria para os usuários da biblioteca.

Palavras-Chave: Biblioterapia. Bibliotecário. Biblioterapeuta. Braille. Deficiência Visual.

ABSTRACT

Treats Biliotherapy as a proposl to the Braille section of the Arthur Vianna public library, the applied bibliotherapeutic methods and how the librarian could act like a Bibliotherapist. Reports the visual impairment and the importance of Braille on the reading and writing these disabled individuals. The general objective of this paper is to propose to the Braille section the Bibliotherapy technique, another reading attraction and the visually impaired's psychosocial improvement, turning them into participant and useful individuals to the community. The used methodology descriptive and exploratory, quantitative-qualitative, study with bibliographical research with a source of authors considered relevant in the area of librarianship and bibliotherapy in order to unveil and propose the importance of reading as a therapy for all, specifically the visually impaired. An interview was conducted with two servers in the Braille section of the Arthur Vianna Library and a blind user, with the purpose of knowing the space, services provided, frequency and proposing improvements to the library.

Key words: Biblioterapia. Librarian. Biblio therapist. Braille. Visual impairment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 -	Área de entrada da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna	29
Figura 2 -	Acervo da Seção Braille na Biblioteca Arthur Vianna	30
Figura 3 -	Cabines da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna	30
Figura 4 -	Cabine da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna com o sistema Dosvox	31
Figura 5 -	Interior da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna	31

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	BIBLIOTERAPIA	14
2.1	Método Biblioterapêutico.....	17
2.2	O Bibliotecário como Biblioterapeuta	19
3	O DEFICIENTE VISUAL E A LEITURA	22
3.1	A deficiência visual	22
3.2	A importância do ato de ler para o deficiente Visual	24
4	A IMPORTÂNCIA DO BRAILLE PARA A LEITURA E ESCRITA DO DEFICIENTE VISUAL	26
5	METODOLOGIA	28
5.1	Pesquisa Bibliográfica	28
5.2	Local da pesquisa de Campo	29
5.3	Levantamento de Dados	32
5.3.1	Entrevista com os Bibliotecários	32
5.3.2	Entrevista aplicada ao usuário cego	33
5.3.3	Entrevista com o auxiliar administrativo	33
6	RESULTADOS E DISCUSSÕES	34
6.1	Proposta para implantação de um programa de biblioterapia para portadores de deficiência visual na seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna	35
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
	REFERÊNCIAS	39
	APÊNDICE A	41
	APÊNDICE B	42

1 INTRODUÇÃO

Parte da população mundial (entre 10 e 15%) é portadora de deficiências sensoriais, ou mentais que limitam sua capacidade de se beneficiar da educação normal. As pessoas cegas precisam de uma “educação especial”, como se costuma chamar que lhes permita desenvolver suas potencialidades a fim de se tornarem membros de pleno direito da sociedade a que pertencem e alcançarem o desenvolvimento pessoal que lhes proporcione meios de serem independentes (PEREIRA, 1996, p. 75).

E neste atual cenário, mais do que em qualquer outra época, as pessoas são aceitas quando demonstram sua capacidade de produzir bens, serviços e participar do desenvolvimento sócio-econômico do meio em que vivem. Seguindo esta linha de pensamento, até atingirem este ideal, parece faltar muito “chão” a ser percorrido por pessoas portadoras de deficiência visual. Segregado da sociedade devido as suas necessidades especiais, que tornam sua vida mais difícil, “O deficiente visual no Brasil pode ser considerado um marginalizado social” (RABELLO, 1989, p. 43), desacreditado em relação as suas capacidades.

A Biblioteca Arthur Vianna inserida no contexto educacional, cultural, informacional e de lazer, busca pela seção Braille o atendimento às pessoas com deficiência visual, com o objetivo de democratizar o uso da informação propiciando a geração de conhecimento por meio de recursos como o sistema DOSVOX e o sistema Braille. Porém a proposta vai aperfeiçoar o que já existe na seção, visto que muitas Bibliotecas públicas disponibilizam de seções específicas para os deficientes visuais, porém muitas desconhecem a proposta da biblioterapia que surge com o intuito de contribuir para o ajustamento psicossocial do cego, tornando-o um elemento participante e útil à comunidade.

A seção Braille localizada na biblioteca Arthur Vianna é direcionada aos portadores de deficiência visual, onde o espaço disponibiliza dos meios digitais, com programas e impressos em braile e a tecnologia com o seu avanço possibilita às pessoas cegas ou com baixa visão ler, escrever, estudar, pesquisar e se comunicar por meio da internet e outros.

“A Biblioterapia busca auxiliar uma pessoa, um grupo, ou uma instituição para disseminar e esclarecer problemas específicos. A biblioterapia não é nada mais que a utilização dos livros sobre assuntos específicos para ajudar a pessoas a lidar com problemas e situações difíceis. ” (SILVA, 2011, p.12).

Considerando esse tema de estudo, busca-se responder ao seguinte questionamento de pesquisa: Quais os benefícios da implantação da biblioterapia na seção Braille para os portadores de deficiência visual, usuários da Biblioteca Pública Arthur Vianna? (Nesse Contexto este projeto foi desenvolvido nas seções: REFERENCIAL TEÓRICO; METODOLOGIA; REFERÊNCIAS.)

Tem como objetivo geral mostrar os benefícios da Biblioterapia para os portadores de deficiência visual, usuários da Biblioteca Pública Arthur Vianna, e como objetivos específicos: a) Estudar a biblioterapia e sua aplicação; b) Identificar como o bibliotecário pode atuar como biblioterapeuta c) Compreender a deficiência visual; d) Reconhecer a importância do Braille para os cegos; e) Verificar os benefícios de uma proposta de biblioterapia para os deficientes visuais a fim de ajudar na inclusão no meio social em que vivem.

O projeto consiste em uma pesquisa descritiva e exploratória, de caráter Quanti-qualitativa, com pesquisa bibliográfica em livros de autores reconhecidos como relevantes na área da Biblioteconomia e Biblioterapia, em periódicos científicos de importantes bases de dados como a Scielo e a Brapci; e com pesquisa de campo na Biblioteca Pública Arthur Vianna, especificamente na seção Braille, aplicando entrevistas com os administradores do local e com os usuários de deficiência visual que foram muito valiosas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Para obtenção dos dados, foi utilizada a entrevista estruturada, consistindo na aplicação de um pequeno questionário, em dois momentos: com um profissional responsável pela seção e o usuário deficiente visual.

No primeiro momento foi aplicado sobre o funcionamento (serviços, atendimento, etc.) da seção Braille, o sistema utilizado, a frequência mensal de usuários e qual a importância da seção Braille para a inclusão de usuários cegos? E no outro momento, entrevistando o usuário com deficiência visual interrogando sobre sua vida pessoal, como é seu cotidiano, o enfrentamento das dificuldades?

Costuma-se frequentar sempre a seção Braille da biblioteca Arthur Vianna; qual a sua preferência pelo material de leitura e se tem conhecimento da biblioterapia.

No decorrer do trabalho será apresentado um histórico sucinto do surgimento da biblioterapia, sua origem, quando foi pela primeira vez aplicada, sua conceituação e terminologia, prosseguindo como o profissional bibliotecário atua como Biblioterapeuta, que ser um bibliotecário vai além de tratar de livros, em tempos modernos, uma breve explicação da conceituação da deficiência visual, a importância do ato de ler e da escrita para os cegos, e ainda a essência do Braille como instrumento principal de leitura do deficiente visual.

2 BIBLIOTERAPIA

A Biblioterapia surgiu do uso da leitura para auxiliar pessoas a melhorar a qualidade de vida, fazendo-as enfrentar seus medos, anseios, problemas e situações difíceis. Não é o ato de ler que possibilita essa situação, mas a interpretação de informações importantes e a sua utilização com o propósito modificador e transformador. Segundo Pereira (1996, p. 36):

[...] a preocupação com a origem da Biblioterapia como idéia surgiu em épocas remotas pois alguns povos já consideravam a leitura como uma das melhores medidas terapêuticas no tratamento de doentes mentais. Assim foram descobertas em Bibliotecas antigas e medievais, inscrições sobre o valor terapêutico da leitura, os gregos afirmavam que suas bibliotecas era repositório de remédio para o espírito, enquanto que os romanos achavam, que as orações poderiam ser lidas para pacientes melhorarem sua saúde mental.

O uso da leitura com objetivo terapêutico é antigo e muitos registros atestam essa utilização. Ferreira (2003, p. 36):

No antigo Egito, o Faraó Ramssés II mandou no frontispício de sua biblioteca “Remédios para a alma” (Alves, 1982 *apud* FERREIRA, 2003), e as bibliotecas egípcias ficavam localizadas em templos denominados de “casas de vida” como locais de conhecimento e espiritualidade (Montet, 1989 *apud* FERREIRA, 2003). Entre os romanos, Aulus Cornelius Celsus também associou a leitura com tratamento médico, ao recomendar a leitura e discussão das obras de grandes oradores como recurso terapêutico no desenvolvimento da capacidade crítica dos pacientes (Orsini, 1982 *apud* FERREIRA, 2003). “Tesouro dos remédios da alma” era a inscrição que havia na biblioteca da Abadia de São Gall, durante a Idade Média (Alves, 1982 *apud* FERREIRA, 2003). Também os gregos fizeram associação de livros como forma de tratamento médico e espiritual, ao conceberem suas bibliotecas como “a medicina da alma” (Marcinko, 1989 *apud* FERREIRA, 2003).

Inúmeras discussões são mantidas sobre as origens do Termo Biblioterapia, sabendo-se, entretanto, que surgiu na América do Norte, pelo menos na primeira parte do século XIX, em trabalho relacionando biblioteca e ação terapêutica. Em 1802 e 1853, houve as primeiras experiências em biblioterapia por médicos americanos, os quais indicavam que, uma das melhores receitas para seus pacientes hospitalizados, era a leitura de livros cuidadosamente selecionados e adaptados às necessidades individuais (PEREIRA, 1996, p. 37).

A Biblioterapia é vista como um processo interativo, resultando em uma integração bem-sucedida de valores e ações. O conceito de leitura empregado neste

processo interativo é amplo. E inclui todo tipo de material, inclusive os não convencionais.

De acordo com a pesquisa bibliográfica levantada sobre o tema, pode-se constatar que a palavra Biblioterapia vem da junção de duas palavras gregas *Biblon* e *Therapia* que respectivamente significam “Livro” e “Terapia”. Biblio é a raiz etimológica de palavras usadas para designar todo tipo de material bibliográfico ou de leitura, e terapia significa cura ou restabelecimento. Pereira (1996, p. 47) ressaltou que o nome foi atribuído por Samuel Mechord Grothers como criador do termo Biblioterapia em 1916 e em 1904, a Biblioterapia passou a ser considerada como um ramo da Biblioteconomia. Isso ocorreu quando uma bibliotecária, assumindo a direção de uma biblioteca, em Massachusetts, resolveu fazer suas próprias experiências, obtendo bons resultados.

De um modo geral, pode-se considerar a Biblioterapia como sendo uma prática que utiliza livros ou temas específicos de leitura que auxiliam crianças, adolescentes ou adultos a lidarem com os seus problemas, físicos ou emocionais. Basicamente, opera a partir do momento em que o leitor se depara com uma personagem interveniente no texto e se identifica com ela e, ao interagir e participar dessa experiência, acaba por encarar (e resolver) o seu próprio problema.

Marcinko (1992, p. 2) nos diz que:

[...] a Biblioterapia pode ser tanto um processo de desenvolvimento pessoal como um processo clínico de cura, que utiliza literatura selecionada, filmes, e participantes que desenvolvem um processo de escrita criativa com discussões guiadas por um facilitador [orientador] treinado com o propósito de promover a integração de sentimentos e pensamentos a fim de acionar autoafirmação, autoconhecimento ou reabilitação.

A Biblioterapia não é somente um processo clínico de cura, ela contribui para o desenvolvimento pessoal do ser humano, pois esta seleção de leituras adaptadas ao público-alvo, desperta o potencial curativo da linguagem, da fala compartilhada, pois os pensamentos que se achavam adormecidos, despertados pela biblioterapia, ganham corpo na palavra e permitem a percepção do outro, conduzindo vida e assim, temos a capacidade de vencer obstáculos reais ou imaginários.

Já para Ouaknin (1996, p. 200), a Biblioterapia é:

Primariamente uma filosofia existencial e uma filosofia do livro, que sublinha que o homem é um ser dotado de uma relação com o livro. Dessa forma, essa relação com o livro – [através da] leitura – permite ao homem compreender o texto e compreender-se. O leitor, ao interpretar, passa a fazer parte do texto interpretado. A interpretação é a junção da explicação objetiva do texto e da sua compreensão subjetiva. A interpretação descobre um outro mundo, o mundo do texto, com as variações imaginativas que a literatura opera sobre o real. A Biblioterapia, portanto, propõe práticas de leitura que proporcionem a interpretação dos textos.

Os objetivos de aplicação da Biblioterapia dependem da necessidade do (s) indivíduo (s) que se busca orientar. A aplicação desta técnica, de acordo com Marcinko (1989, p. 5), têm diferentes objetivos, entre estes: desenvolvimento pessoal ou processo clínico de cura.

Segundo Ferreira (2003) e Marcinko (1989) o trabalho da Biblioterapia não se restringe a um tipo único de tratamento; sua aplicação é de caráter tanto preventivo quanto corretivo, podendo ser então classificada em três tipos: institucional, clínica e desenvolvimental.

Biblioterapia institucional é um tipo de auxílio aplicado em grupo ou individual e personalizado que uma instituição presta, através de uma equipe de profissionais, aos seus usuários, enfocando aspectos das doenças mentais, distúrbios de comportamento, ajustamento e desenvolvimento pessoal (FERREIRA, 2003, p.38).

Esta terapia entende-se por ser direcionada a um público mais fechado, como exemplo, aos usuários de uma biblioteca, onde profissionais prestam ajuda de uma forma dinâmica o lado psicossocial através de grupos de leitura.

Biblioterapia clínica é destinada às pessoas com sérios problemas de comportamento social, emocional, moral etc. Sua aplicação tem sido predominantemente em instituições de saúde, como hospitais, clínicas, organizações de saúde mental, embora ocorra também em clínicas privadas. É aplicada através de programas muito bem estruturados e que envolvem psicoterapeutas, médicos e bibliotecários (MARCINKO, 1989, p. 5).

Já a biblioterapia clínica é aplicada principalmente em hospitais aos pacientes que por muitas vezes, entram em depressão pela situação ao qual se encontra, e a terapia entra de forma a ajuda-los a se restabelecerem emocionalmente através da leitura.

A Biblioterapia para o desenvolvimento pessoal é descrita por Ferreira (2003, p.38), como apoio literário personalizado para possibilitar um desenvolvimento normal e progressivo da pessoa.

Conclui-se, que esta técnica é uma forma de transformar o comportamento pelo autoconhecimento e que utiliza as características racionais, o intelecto, a inteligência e a compreensão cognitiva, e as emotivas, dos indivíduos que se submetem a ela, para obter uma modificação dos seus comportamentos.

2.1 Método Biblioterapêutico

O método biblioterapêutico consiste em uma dinamização e ativação existencial por meio da dinamização e ativação da linguagem. As palavras não são neutras. O diálogo é a base da biblioterapia. A multiplicidade de interpretações permite que os comentários sejam mais diversificados levando o indivíduo a 'outro mundo' ou onde pode ser quem quiser, expor os sentimentos que a leitura proporcionou, a troca de gestos, de expressões de alegria ou de angústia. São estes fatores os diferenciais entre a biblioterapia de outros tipos de incentivo à leitura. O texto pode ser lido, narrado ou dramatizado, dependendo do objetivo que deverá ser alcançado, do paciente, da sua debilitação, dos valores culturais e do seu interesse.

De acordo com Nascimento (2007, p. 9), "[...] o diálogo pode ser uma fonte de restituição de vida em momentos de fragilidade angústia, desespero ou descrença".

A linguagem em movimento, o diálogo, é o fundamento da biblioterapia. O pluralismo interpretativo dos comentários aos textos deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão do mundo. Entre os parceiros do diálogo há o texto, que funciona como objeto intermediário. No diálogo biblioterapêutico é o texto que abre espaço para os comentários e interpretações que propõem uma escolha de pensamento e de comportamento. Assim, as diversas interpretações permitem a existência da alteridade e a criação de novos sentidos.

Segundo Caldin (2001, p. 37)

A biblioterapia não se confunde com a psicoterapia, posto que esta última é o encontro entre paciente e terapeuta e a primeira se configura como o encontro entre ouvinte e leitor em que o texto desempenha o papel de terapeuta. Além da leitura, os comentários, os gestos, os sorrisos, os encontros são também terapêuticos à medida que fornecessem a garantia de que não estamos sozinhos. O texto une o grupo.

Entende-se por terapia a arte de cuidar do ser, com capacidade regenerante, no benefício do esquecimento e na participação do outro. Não é uma cura, no

sentido restritivo da palavra, mas no sentido alargado de busca do equilíbrio e da harmonia do ser total, uma preocupação com o bem-estar do ser humano.

Caldin (2001, p. 37) explica que o método biblioterapêutico é constituído de seis componentes que são responsáveis pelo êxito da biblioterapia, que são: catarse, humor/riso, identificação, introjeção, projeção e a introspecção.

Segundo o Autor acima a leitura tem uma função catártica quando um indivíduo busca não apenas o conhecimento como também o entretenimento. As palavras são uma ferramenta essencial do tratamento do espírito, que podem convencer, emocionar, influenciar fornecendo uma catarse. Portanto, catarse pode ser entendida como pacificação, tranquilidade e alívio das emoções.

É nessa concepção que a leitura de obras literárias desempenha uma função catártica. O humor é uma forma pela qual o indivíduo visa se proteger da dor. Como a rebelião do ego, transforma o objeto de dor em prazer. Durante a leitura, pode captar as sensações do texto como, por exemplo, o humor que transforma o que seria objeto de dor em objeto de prazer.

Utilizando a abordagem psicanalítica de Freud, ele aponta quatro fases a serem vivenciadas durante a aplicação da biblioterapia. A primeira é a fase da assimilação do paciente com o personagem, é como se permitisse à pessoa assimilar algo do que está ocorrendo. Na segunda fase, enfatiza-se a projeção em que o indivíduo transfere para o outro (pode ser pessoa ou objeto) as ideias e sentimentos que podem ser familiares a ele. Na terceira fase, está à catarse, há o envolvimento emocional do leitor na história, levando-o à descarga de ideias e emoções, que se libertam do inconsciente para o consciente. Essa técnica foi desenvolvida por Freud na terapia psicanalítica. Na quarta e última fase, deve ocorrer o insight. O paciente, neste instante, parte para a discussão construtiva de seus sentimentos e de suas ideias. O conteúdo do que foi lido, ouvido, visto, ou apresentado é elaborado por ele de modo a favorecer uma mudança de comportamento. (CALDIN, 2001, p. 38),

A história terapêutica oferece ao leitor novos modos de pensar sobre seus sentimentos difíceis. A história apresenta sentimentos que já foram rigorosamente pensados pelo autor. Pois as histórias terapêuticas permitem que a pessoa assuma um novo modo de ver a situação, de conhecê-la ou de se relacionar com alguém ou alguma coisa em sua vida.

2.2 O Bibliotecário como Biblioterapeuta

A Era da informação, além das mudanças no cenário socioeconômico, trouxe inúmeras possibilidades profissionais para o bibliotecário, o qual, além de bibliotecas, passou a atuar em empresas, ONGs (Organizações não governamentais), indústrias, centros culturais, arquivos, entre outros segmentos da sociedade.

O bibliotecário deixou de ser apenas guardião de livros, como acontecia nos antepassados. A atuação desse profissional está cada vez mais ampla, podendo assumir a biblioterapia, sendo essencial para seu fortalecimento e reconhecimento da profissão.

[...] De maneira alguma diminui-se a importância da técnica da profissão do bibliotecário, afinal é a sua essência. Porém, exercer o papel social é, de certa maneira, o ápice, considerando a realidade atual do país, que tem sede de cidadãos leitores e de agentes fomentadores da leitura. A biblioterapia é um exemplo desse novo momento da profissão. Há muito tempo ela vem sendo exercida por profissionais da saúde, psicólogos e terapeutas. Embora ainda hoje haja a predominância desses profissionais na aplicação da biblioterapia, existem casos em que esta vem sendo aplicada por bibliotecários e apresentando ótimos resultados (LUCAS; CALDIN; SILVA; 2006, p. 399).

Portanto, a Biblioterapia pode ser atuada por outras profissões, não pertence a nenhum campo de atuação profissional específico como, por exemplo, a Biblioteconomia, Medicina, Psicologia ou Educação, pois é o local onde o profissional atua que defini quem é o “Biblioterapeuta” ou ainda que tipo de biblioterapia ele emprega.

Mesmo que o bibliotecário tenha uma inclinação a uma atuação mais educacional, psicológica, ou médica, alguns autores recomendam que ele deva apenas selecionar o material, outros acreditam que, com um treinamento especial, ele estará apto a aplicar a biblioterapia. Apesar disso, já há algumas diretrizes básicas para que o bibliotecário trabalhe com biblioterapia, entre elas estão: a escolha de um local adequado para a atividade; a formação de grupos para leitura e discussão de temas; e a preparação de listas de material bibliográfico e de outra natureza, de acordo com as necessidades de cada grupo (FERREIRA, 2003, p. 118).

Para que o bibliotecário se envolva na prática de biblioterapia, é necessário que esteja informado sobre as iniciativas de trabalho e pesquisa sobre o tema. Segundo Horne (1975, p.28), as reponsabilidades do bibliotecário seriam delegados:

[...] a mecânica de aquisição, manutenção e distribuição de livros; o conhecimento pessoal dos livros emprestados aos pacientes; as entrevistas com os pacientes a respeito de reações as leituras prescritas; os relatórios sobre êxitos de comentários dos pacientes com relação às leituras.

Já Alston (1962 *apud* PEREIRA, 1996, p. 65), dividiu as responsabilidades do médico e do bibliotecário na biblioterapia da seguinte maneira: o médico deveria saber o que esperava alcançar com a leitura prescrita, sumarizar os mecanismos psicológicos básicos do paciente e indicar que tipo de leitura seria de beneficio e qual outro seria indicado para o paciente. O bibliotecário faria a elaboração de uma lista do material comumente usado em biblioterapia, conhecimento de enredos e problemas tratados na literatura e disposição de observar inteligentemente e avaliar as reações do paciente ou as mudanças de comportamento.

O bibliotecário que deseje praticar a Biblioterapia com pessoas com problemas psiquiátricos, deve possuir um perfil com as seguintes características

Competências pessoais através da comunicação interpessoal com diversos tipos de usuários; capacidade de aprendizagem continua; estabilidade pessoal; interesse real por trabalhar com pessoas; capacidade de trabalhar em equipe; empatia; sensibilidade, paciência e espirito dinâmico. E o conhecimento da área de especialização; informação atualizada sobre as tendências; pautas de conduta, diretrizes e serviços; domínio da terminologia e recursos terminológicos próprios da área da saúde; recursos de informação especializada; fundamentos técnicos e profissionais para o estabelecimento de serviços orientados ao usuário; critérios éticos para dar uma atenção de qualidade ao paciente. (CUBILLOS, 2008, p. 12)

Algumas qualificações necessárias ao bibliotecário biblioterapeuta envolvem o entendimento profundo do problema pelo qual o paciente está passando, a compreensão do conteúdo abordado na leitura e sua relação com esse problema, e a habilidade em formular hipótese acerca dessa situação.

O profissional bibliotecário para trabalhar com a biblioterapia como uma técnica de aconselhamento com deficientes visuais, ele necessita ter o conhecimento de prescrever o material para a solução de problemas específicos e por este fato, é de suma importância que o biblioterapeuta saiba algumas

qualificações como: o problema psicológico enfrentado pelo portador de deficiência visual; uma compreensão do caminho que este problema é tratado na seleção do livro prescrito; e a habilidade em formular hipóteses, que se refiram ao impacto que este material terá sobre a solução positiva do problema do paciente. (FERREIRA, 2003, p. 43)

A escolha de um local apropriado, a formação de grupos de leituras, e a organização dos materiais a serem selecionados como livros, revistas, vídeos etc. É necessário o bibliotecário como biblioterapeuta exercer para possibilitar a ampliação do público alvo e o trabalho com diferentes formas de expressão como o teatro, a música, oralidade e a imagem.

Uma das cinco leis fundamentais instituída para a Biblioteconomia, criada pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan, determina que “todo leitor tem seu livro”, o mesmo ocorre com a biblioterapia, onde os materiais são direcionados para as necessidades específicas de cada pessoa.

A Biblioterapia abre mais uma frente de trabalho aos bibliotecários, que podem atuar tanto na organização do acervo para um público específico, como na motivação, vivência, e adequação desse ambiente psico-social. Tem-se, portanto a figura do bibliotecário como consultor e biblioterapeuta (MIRANDA, 2006, p. 42).

3 O DEFICIENTE VISUAL E A LEITURA

Este Capítulo discute o conceito de deficiência visual a diferença entre indivíduo cego e indivíduo com baixa visão, os níveis de deficiência. Dando seguimento, ainda nesta seção tratando da importância da leitura para o indivíduo cego.

3.1 A Deficiência Visual

O senso comum nos diz que deficiente visual é aquela pessoa que não enxerga absolutamente nada, ou seja, o cego. Mon (1998, p. 25) explica que, na verdade, a expressão deficiência visual inclui dois aspectos possíveis: a cegueira e a baixa visão. Mesmo a cegueira pode ser caracterizada de duas formas: a cegueira total ou visão zero, em que não se diferencia entre luz e escuridão, e a cegueira grave ou quase total, em que há a mínima percepção das variações de luz.

Seguindo o raciocínio pedagógico do portal da educação cegueira é uma alteração grave ou total de uma ou mais das funções elementares da visão que afeta de modo irremediável a capacidade de perceber cor, tamanho, distância, forma, posição ou movimento em um campo mais ou menos abrangente. E a baixa visão é a alteração da capacidade funcional da visão, decorrente de inúmeros fatores isolados ou associados, tais como, baixa acuidade visual significativa, redução importante do campo visual, alterações corticais e/ou de sensibilidade aos contrastes, que interferem ou que limitam o desempenho visual do indivíduo. Segundo Sandes (2009, p. 3)

A deficiência visual é um estado permanente de redução do sentido visual, que pode decorrer de patologias congênitas, hereditárias ou adquiridas, a situação que define de fato a acuidade visual é a permanência da deficiência mesmo após tratamento clínico e cirúrgico.

No Brasil é considerada legalmente cega a pessoa que de acordo com o decreto 3.298, tenha “acuidade visual igual ou menor que 20/200 no melhor olho, após a melhor correção, ou campo visual inferior a 20°, ou ocorrência simultânea de ambas as situações” (BRASIL, 1999).

A definição de cegueira não é tão simples de ser dada como se possa imaginar, e a conceituação varia de autor para autor.

De acordo com Amorim (2006, p. 10):

A deficiência visual não pode ser reduzida a um fenômeno fisiológico, já que há uma complexidade de fatores que a perpassam: sociais, afetivos, econômicos, culturais, políticos, artísticos, educacionais e tecnológicos. Pessoas que não dispõem da visão, mas que receberam cuidados, educação e oportunidades de participar da vida social e cultural possuem um desenvolvimento diferenciado e superior àqueles que não tiveram as mesmas oportunidades.

A maneira como o cego percebe a deficiência visual influenciará sua capacidade de desempenhar as atividades do dia a dia e esta percepção está relacionada à sua história de vida e aprendizagem. Modelos familiares super-protetores influenciam negativamente o desempenho social do indivíduo enquanto famílias que permitem e estimulam a independência do membro cego proporcionam seu desenvolvimento pessoal e social de forma mais efetiva

Martins e Ramírez (2003, p. 28) apresentam três níveis, o primeiro a deficiência de maior profundidade, onde entre as características educacionais estão à dificuldade na realização de atividades que necessitem da visão de detalhes. O segundo nível denominado de deficiência visual severa caracteriza-se pela dificuldade de realizar tarefas visuais com exatidão, requerendo adaptações. O terceiro nível é a deficiência visual moderada onde a possibilidade de realização de atividades visuais, com ajudas adequadas.

Seguindo o raciocínio de Martins e Ramírez (2003, p. 29) deficiência visual é classificada em níveis, dependendo do grau e tipo da perda da visão como; a visão reduzida, a cegueira parcial e a cegueira total. A diminuição da resposta visual pode ser leve ou moderada, que compõem o grupo de visão subnormal e baixa visão, ou severa e/ou profunda que compõem o grupo de ausência total da resposta visual.

O sistema Braille é usado em algumas situações para definir a pessoa cega da pessoa com visão parcial, através do método que utilizam para ler, “Em termos educacionais, pessoas cegas são as que empregam o Braille, e pessoas com visão parcial são aquelas que usam material impresso” (Bateman 1967 *apud* KIRK; GALLAGHER, 1996, p. 181). Para o processo educacional ler é fundamental, e para o indivíduo cego principalmente por que a leitura lhe proporciona através do ouvir ou do contato, informações que chegaram a sua mente sem passar pelos seus olhos. A

pessoa que enxerga tem o sentido da visão como um forte aliado para a aprendizagem, já o indivíduo cego o compensa por diversas formas mais uma das principais maneiras é através da leitura. Devido à importância da leitura para a vida dos indivíduos que não são videntes, discutir-se-á a seguir a importância da leitura na vida do deficiente visual.

3.2 A importância do ato de ler para o deficiente visual

Com o crescimento da produção escrita, ler deixou de ser só um privilégio e tornou-se uma necessidade; para se comunicar, se locomover, trabalhar, e para adquirir conhecimento e informação. Já que a grande maioria das informações é disponibilizada na forma escrita. Ler se tornou fundamental, e tem seu reconhecimento e utilização mais frequentes na atualidade, pelo papel social que a leitura tem assumido. “Não ler traz prejuízos que vão desde o desenvolvimento pessoal e profissional até a ampliação das desigualdades sócias” (WERTHEIN, 2005, p.1).

Segundo Sandes (2009, p. 19) diz que:

Essa ampliação das desigualdades no caso de quem possui uma deficiência é alargada, pois muitas vezes a deficiência é atribuída como uma limitação decisiva para a alfabetização do deficiente visual, o que comprovadamente não é o caso, pois milhões de cegos congênitos ou não aprenderam a ler e escrever através das técnicas de leituras destinadas a eles.

Diante das notícias expostas e da vivência rotineira, é constatado que uma parcela da sociedade discrimina as pessoas com qualquer tipo de deficiência, concluindo que não são capazes de se alfabetizarem por conta das suas limitações, visto que são conclusões precipitadas e erradas, pois como exemplo através desta pesquisa realizada, temos usuários frequentadores da seção Braille da biblioteca Arthur Vianna que aprenderam a ler através do Braille e hoje tem uma profissão e alguns são até concursados.

O livro transmite pensamentos, traduz emoções, estimula a imaginação e o sonho, permite que nossas vivências cotidianas se transformem em um mundo cheio de encantos e reduções, dando a vida um sentido intelectual e espiritual de inestimável valor. (WERTHEIN, 2005, p. 1)

O ato de ler é uma atividade prazerosa, que nos leva a outro mundo, o da imaginação e mexe com a autoestima do leitor, transportando-o para novas experiências e aumentando a capacidade de diálogo e conhecimento da sociedade a qual se pertence.

Os cegos que não tem o sentido da visão, utilizam outros sentidos como a audição e o tato para realizar a leitura. A leitura é realizada pelos deficientes visuais de três maneiras. Através do tato pelo sistema Braille, ou através da audição pelo uso de audiolivros¹ ou pelos leitores². A preferência particular de cada leitor esbarra nas vantagens e desvantagens oferecidas por cada técnica de leitura.

Larêdo (2005) afirma que:

O ato de ler instiga no indivíduo a criação de senso crítico. A leitura é uma condição básica para formar sujeitos capacitados de se inserir na sociedade e exercitar sua cidadania, participando crítica e ativamente da construção da história de seu povo, formulando seus próprios critérios para se questionar como sujeito no seu ato de pensar, sentir e atuar, ultrapassando a fronteira da cultura local a partir da abertura a outras proporções culturais (*apud* SANDES 2009, p.21).

Nem todas as atividades profissionais podem ser desenvolvidas por cegos, pela necessidade do uso da visão, limitando o mercado de trabalho para estes. E a leitura é indispensável na luta pelos seus direitos, da inclusão e o respeito, por que para se buscar qualquer mudança social, é necessário saber conquistar e a leitura é uma base na formação deles, pois permite que esse se forme na sociedade como um sujeito pensante que conhece e questiona.

Um das técnicas mais utilizadas pelos deficientes visuais é o Braille.

[...]situações que só são possíveis com a leitura tátil, por esses motivos o Braille se revela como um importante recurso de leitura e meio de inclusão do deficiente visual. O Braille é a única técnica de leitura que atende a todo público de deficientes visuais, pois atende as necessidades dos cegos-surdos, permite, sobretudo a autonomia para a leitura, pois independe de qualquer outro indivíduo, além do leitor. (SANDES, 2009, p. 22)

O Braille é um dos mais importantes objetos centrais da pesquisa, sendo a primeira técnica utilizada pelos cegos, permitindo que frequentem a escola regular.

¹ Audiolivros são gravações de livros lidos em voz alta.

² Leitores são pessoas que voluntariamente ou não realizam leitura para cegos, em instituições públicas ou privadas.

4 A IMPORTÂNCIA DO BRAILLE PARA A LEITURA E ESCRITA DO DEFICIENTE VISUAL

O sistema Braille foi criado oficialmente no ano de 1825, na França pelo jovem cego Louis Braille, nascido ao dia 4 de janeiro de 1809 na cidade de Coupvray, povoado situado ao leste de Paris, Louis Braille era filho de Louis Simon-René que era “seleiro e fabricante de arqueiros do povoado” (Sandes, 2009 *apud* BIRCH, 1990, p.11).

Segundo Sandes (2009, p. 24) “No ano de 1827 o primeiro livro de gramática foi transcrito para Braille, em 1828 ele estendeu o Braille para uma de suas maiores paixões que era a musica”.

A leitura e a escrita são os principais meios de comunicação. O ato de comunicar uma mensagem ao próximo acontece de diversas formas, e na contemporaneidade essas possibilidades aumentam a cada dia, pois a criação de novas tecnologias não extinguiu o uso do Braille da vida dos deficientes visuais, pois tem a função semelhante ao lápis e ao papel nas mãos de quem escreve.

Sendo a leitura eminentemente e intimamente pessoal, como se viu, e dependendo também da capacidade de assimilação e dos apports de cada leitor, torna-se necessário o contacto directo do leitor com a forma gráfica escolhida para transmitir o pensamento do autor. Só através deste contacto pode o leitor seguir o seu próprio ritmo de assimilação, acelerando nas passagens mais apelativas, ralentando, insistindo ou repetindo nos passos de elaboração mais complexa, captando e apreciando directa e genuinamente as intenções expressivas traduzidas pelos recursos gráficos empregados, imprimindo a interpretação pedida pela sua própria sensibilidade. (OLIVA, 2000, p. 2).

O contato direto do leitor com a impressão em Braille revela o mundo deles, o da imaginação, pois a sensibilidade é utilizada imprimindo a sua interpretação.

O Braille mudou para sempre a história de inclusão dos cegos, vejamos as afirmações da jornalista cega Joana Belarmino:

O sistema Braille permitiu que indivíduos cegos saíssem do seu mundo específico, para compartilharem de forma mais abrangente, esferas comuns de realidade com os outros indivíduos da cultura [...]. Os indivíduos cegos encontraram no Braille a ferramenta que lhes permitiu construir uma nova individualidade histórica, todo um mundo amplo a se descortinar na ponta dos seus dedos, numa resolução semiótica levada a cabo por apenas seis pontos em relevo. (BELARMINO, 2004, p. 5).

Além disso, o Braille é importante mecanismo para a independência e até mesmo para o lazer, fatores relevantes para a autoestima. Entrar sozinha em um elevador, encontrar a marca, a fragrância ou o sabor de seus produtos preferidos nas gôndolas dos supermercados, ler com tranquilidade os cardápios nos restaurantes, ingerir ou administrar um medicamento com segurança, consultar com privacidade faturas ou contas de consumo são atividades que muitos cegos desempenham graças ao método. Resolver palavras cruzadas, caça-palavras, enigmas e outros passatempos, jogar cartas com outras pessoas com deficiência visual ou mesmo com videntes, identificar as etapas de jogos de tabuleiros são algumas das distrações que só a técnica é capaz de proporcionar. (OLIVEIRA, 2016).

Sandes (2009, p. 29) afirma:

Os cegos congênitos necessitam em especial do Braille para dominar a norma padrão da língua, principalmente no que tange a questão das normas ortográficas, pois o conhecimento dessas normas exige um contato com a leitura, pois de outra forma o deficiente visual não percebe o uso de sinais de pontuação, de acentuações gráficas entre outros, pois a entoação da voz na leitura não é suficiente para que o deficiente visual aprenda essas regras da língua materna.

O cego, como qualquer outra pessoa não deficiente, precisa ler para aprender a escrever, pois não tem como conhecer a língua escrita sem fazer uso dela e sem conhecer a diversidade de seu léxico. É pela produção escrita que possibilitamos à nossa imaginação e nossas possibilidades mentais de atingirem criações mais elaboradas.

E, se a leitura é importante para qualquer cidadão, ela não é menos importante para os deficientes visuais, privados da capacidade de apreensão de informação pela imagem ou drasticamente limitados quanto a essa capacidade. As consequências desta incapacidade, terrivelmente limitativas para os que são afetados por elas, poderão ser bastantes atenuadas, se o hábito e a facilidade de ler, bem como a abundância e a variedade de livros, revistas e jornais, facilmente acessíveis, tiverem podido criar o interesse e o gosto pela leitura. (Sandes 2009 *apud* OLIVA, 2000, p. 2).

O sistema Braille se diferencia das outras técnicas de leitura oferecidas, pelo desejo do cego de aprender o sistema tátil que são os mais variados.

5 METODOLOGIA

A metodologia adotada em nosso estudo baseou-se inicialmente em uma pesquisa bibliográfica descritiva e exploratória com base em livros de autores reconhecidos na área da Biblioteconomia e Biblioterapia, em periódicos científicos de importantes bases de dados como a Scielo e a Brapci, sendo quanti-qualitativa. O processo de coleta de dados foi realizado na Biblioteca Pública Arthur Vianna, especificamente na seção braile, aplicando entrevistas com os administradores do local e com os usuários de deficiência visual que foram muito valiosas para o desenvolvimento desta pesquisa.

5.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica foi feita no Portal de Periódicos Capes, utilizando artigos de periódicos indexados nas bases: BRAPCI, Repositório Institucional do IBICT, LISA, Google Acadêmico e Scielo, na busca de artigos que embasassem teoricamente o trabalho.

Foi realizada ainda, a consulta em Livros de autores relevantes para o desenvolvimento deste trabalho como as autoras Pereira (1996) e Caldin (2010) que ambas retratam sobre o tema da Biblioterapia, porém Pereira mostra os benefícios da dela para os portadores de deficiência visual e a outra autora mostra os conceitos da biblioterapia.

A pesquisa foi efetuada sem delimitação nos anos de publicação dos materiais utilizados. As palavras-chaves escolhidas para a pesquisa objetivavam a recuperação de trabalhos acerca do conceito de biblioterapia e deficiência visual, seus conceitos, diretrizes, o panorama da situação no Brasil dos cegos, a importância do bibliotecário e como ele atua como biblioterapeuta, as competências desse profissional, a relação do bibliotecário com a biblioterapia, a importância da seção Braille e a leitura para os cegos. Além de artigos foram usadas monografias, livros e que norteiam a temática em questão.

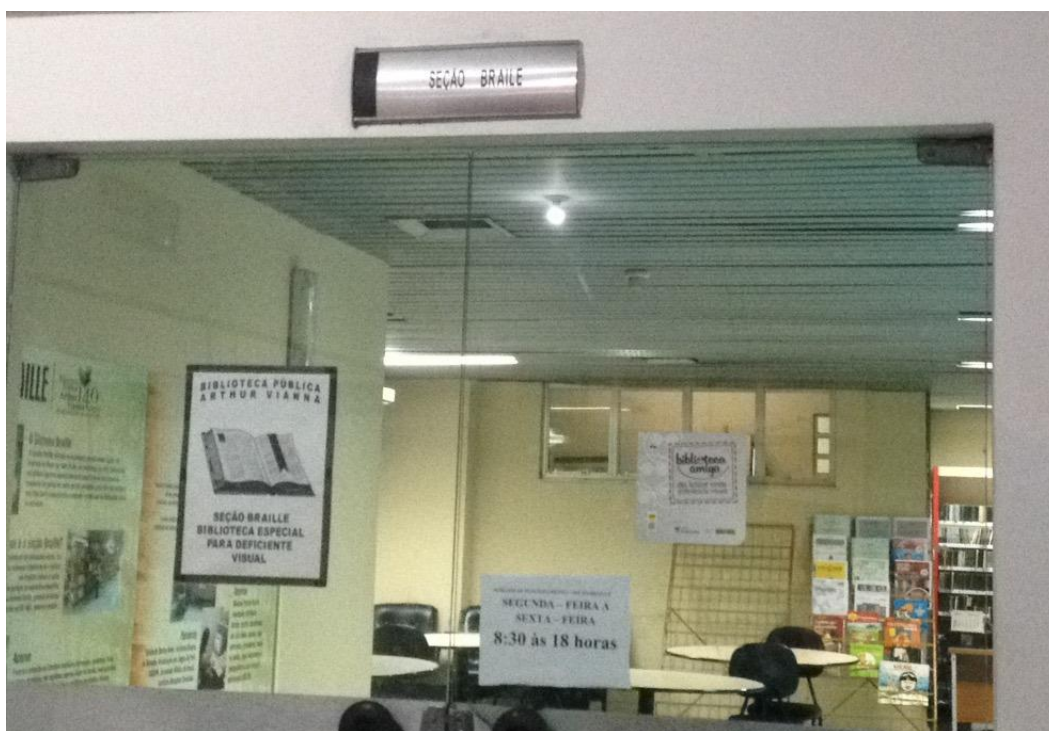
Desde o período da criação do pré-projeto do trabalho, foi efetuado o levantamento bibliográfico, que se concretizou durante a disciplina denominada de “Prática em Recuperação da Informação” que tinha o objetivo de fazer a pesquisa das referências da temática abordada no trabalho de conclusão de curso.

5.2 Local da pesquisa de Campo

A pesquisa de campo foi realizada na seção Braille da Biblioteca Pública Arthur Vianna. O local foi escolhido por atender às pessoas com deficiência visual e por oferecer aos seus usuários o sistema operacional DOSVOX como recurso de acessibilidade informacional e o braille, dando suporte ao que os deficientes precisam. Sendo este o ambiente próprio do objeto de estudo onde os dados foram produzidos conforme as condições processuais da pesquisa.

O objetivo do estudo de campo é de conhecer a rotina da seção da biblioteca e observar como os produtos, serviços, projetos e atividades são realizados e mostrar os benefícios da biblioterapia para a sua implantação na mesma.

Figura 1- *Entrada da Seção Braille na Biblioteca Arthur Vianna*



Fonte: Acervo pessoal – Laís Lobo (2017)

A imagem acima nos mostra à entrada da seção Braille da biblioteca Arthur Vianna localizada na Av. Gentil Bittencourt, 650 – Subsolo, com horário de funcionamento das 08:00 às 18:00 horas, de segunda a sexta feira.

Figura 2- Acervo da Seção Braille na Biblioteca Arthur Vianna



Fonte: Acervo pessoal – Laís Lobo (2017)

Esta é uma imagem interna do acervo da seção Braille. Com diversos autores da literatura, como Dalcídio Jurandir, Machado de Assis e outros, contendo um acervo diversificado.

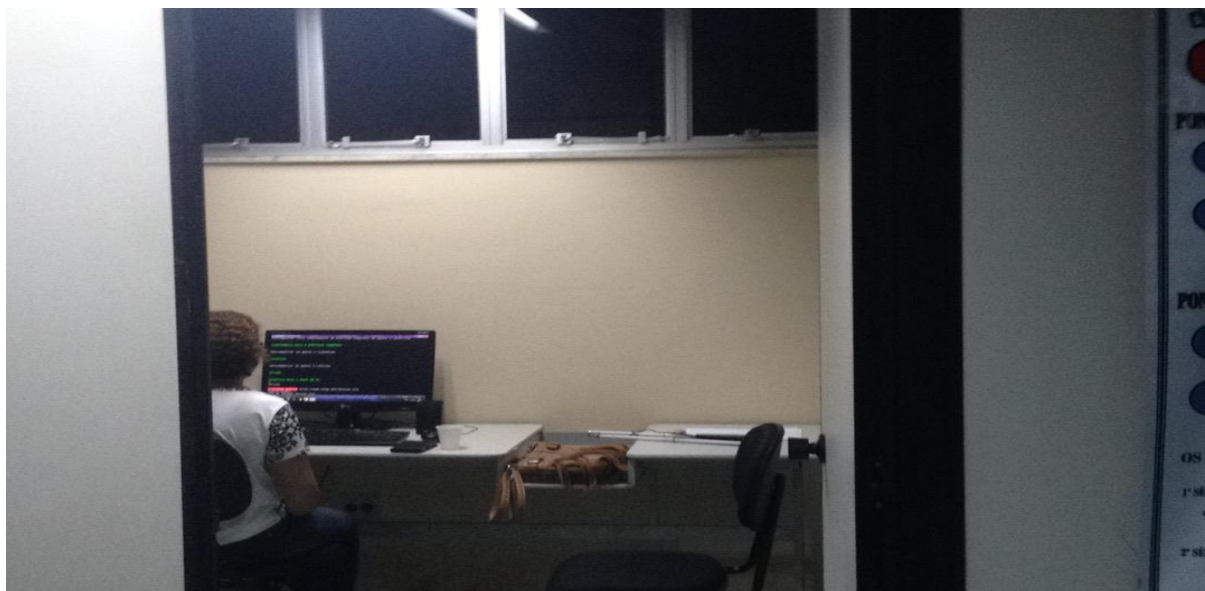
Figura 3- Cabines da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna



Fonte: Acervo pessoal – Laís Lobo (2017)

O espaço oferece como estrutura para estudo dos usuários com deficiência visual, cinco cabines com computadores a disposição deles.

Figura 4- *Cabine da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna com o sistema Dosvox*



Fonte: Acervo pessoal – Laís Lobo (2017)

A imagem acima retrata uma usuária cega utilizando umas das cabines de estudo e como instrumento de auxílio para a sua pesquisa, utiliza o computador com o sistema Dosvox.

Figura 5- *Interior da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna*



Fonte: Acervo pessoal – Laís Lobo (2017)

5.3 Levantamento de Dados

Os dados de pesquisa foram produzidos por meio da observação participante e entrevistas semiestruturadas. A observação participante possibilitou o compartilhamento das vivências das pessoas com deficiência visual que utilizam o Sistema DOSVOX registrando as considerações necessárias e também buscou-se entender o funcionamento deste.

As entrevistas semiestruturadas (apêndice A e B) possibilitaram a elaboração de mais perguntas dependendo do relato e do contexto do entrevistado, logo que, a intervenção é necessária para melhor compreender a relação das pessoas com a deficiência visual.

Os participantes da pesquisa foram divididos em três categorias: bibliotecário, usuário e auxiliar administrativo. A quantidade de participantes e o método utilizado estão expostos no quadro a seguir:

Quadro 1 – Quadro de identificação dos participantes da pesquisa

Categoria	Nome	Nível da deficiência visual	Quantidade	Método utilizado
Bibliotecário	Pedro Neto	Cego total	1	Entrevista
Usuário	Sales	Cego total	1	Entrevista
Auxiliar administrativo	Jose Monteiro	Baixa Visão	1	Entrevista

Fonte: Própria autora (2017)

5.3.1 Entrevista com o Bibliotecário

A entrevista foi marcada previamente e realizada na seção Braille da biblioteca do estudo de caso, o roteiro está disponível vide apêndice A.

As perguntas que compõem o roteiro de entrevista objetivaram informações acerca do perfil do bibliotecário, da biblioteca, e os desafios encontrados por ele para a gestão de uma seção Braille, totalizando 6 questões fechadas, porém, como foi uma entrevista semiestruturada o total de perguntas acaba sendo relativo.

O bibliotecário é formado pela Faculdade de Biblioteconomia da UFPA e está desde 1997 na seção Braille, e conta que começou como usuário no final da década de 80.

5.3.2 Entrevista aplicada ao usuário cego

A aproximação para realizar a entrevista na seção Braille com um usuário deficiente foi feita através do bibliotecário, que pediu encarecidamente se ele podia ser voluntário e com a sua autorização foi possível a gravação da entrevista.

Foram no total 6 perguntas (apêndice B) de cunho pessoal, que foi de suma importância para a contribuição deste trabalho.

5.3.3 Entrevista com o auxiliar administrativo

A entrevista foi realizada com a autorização do auxiliar administrativo, sendo possível a gravação da entrevista com o mesmo que explicou o funcionamento do sistema Dosvox (sistema computacional, destinado a facilitar o acesso de deficientes visuais a microcomputadores, utilizado na seção Braille).

Todas as informações não referenciadas bibliograficamente no capítulo 6 sobre a seção foram colhidas a partir da entrevista com o auxiliar administrativo.

O roteiro de entrevista está disponível vide apêndice A, e é formado por 6 perguntas que tiveram o intuito de levantar o histórico do sistema e seu funcionamento, os serviços oferecidos pela seção e a importância do Braille no dia a dia do usuário deficiente visual.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para o levantamento dos dados primários relativos à pesquisa de campo, foi feita entrevista com um dos servidores da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna, a fim de conhecer o funcionamento da unidade informacional, ao que ele respondeu que a Seção Braille atende especificamente usuários com deficiência visual, podendo ser pessoas cegas ou com baixa visão, para disponibilizar a estas pessoas um acervo em Braille, um acervo com audiobooks e alguns livros falados, leitura acessível em geral, com computadores com sistema Dosvox e um programa NVDA que são programas de acessibilidade para pessoas com deficiência visual, utilizando internet, fazendo pesquisas, leituras e etc.

Disponibilizam ainda de funcionários treinados para ajudá-los em certas circunstâncias como uma inscrição de vestibular, de concurso público, auxilia no e-mail e orientação para utilização do sistema Dosvox. O acervo é diversificado, com obras de Machado de Assis e Dalcídio Jurandir e outros, a maioria são doações, mas o entrevistado afirma: “Existem situações que o usuário trás, por exemplo, um livro de história, a gente faz o escaneamento e depois é realizado o cotejamento que é a comparação com o original, pois nem sempre sai perfeito, e depois caso precise em Braille é feito a impressão, ou se preferir é enviado por e-mail”.

O empréstimo dos livros é realizado diante da carteirinha recebida no ato do cadastro que o usuário realiza na biblioteca, lhe dando o acesso a diversos serviços e a frequência é em torno de seis a dez usuários por dia, sendo usuários fiéis, pois muitos procuram a seção para suporte nos estudos para vestibular ou concurso público. A partir dessa questão foi possível compreender a preocupação que há por parte da instituição em tornar acessível a pessoas com deficiência visual material de informação que possam suprir suas demandas informacionais, pois a seção braille é a única biblioteca pública da região norte, “Agora que está ocorrendo uma parceria com bibliotecas dos interiores para a instalação do sistema Dosvox e NVDA para dar suporte a essas pessoas que são tão carentes” afirma o bibliotecário entrevistado.

Foi realizada também a entrevista com um usuário deficiente visual, a partir de cinco perguntas de quesito pessoal a fim de investigar o seu posicionamento diante da sociedade e sobre a sua opinião da Seção Braille da Biblioteca Arthur

Vianna. Foi constatado que a frequência é diária do usuário, que acha importante o leitor humano na seção, ele afirma: “Ele é o complemento do leitor de tela”. Sua preferência pelo material de leitura é o digital e defende que “O Braille veio para alfabetizar, mas quando precisa trabalhar em algum ramo relacionado a projetos como exemplo, precisa-se da parte digital”. Visto que a disponibilização de meios para a comunicação na seção para ele é tanto digital com o sistema Dosvox que faz a leitura dos textos, como através do Braille.

O usuário entrevistado não possui o conhecimento da biblioterapia e, portanto, foi esclarecido previamente um resumo geral desta técnica para esclarecimento. Ele é cego total, e relatou que adquiriu a deficiência quando jovem ainda, devido ao glaucoma, mas que se preparou psicologicamente quando soube que iria ficar cego, afirmou que: “Superei tranquilo, eu lido com a deficiência de forma simples, 90% faço sozinho, a dificuldade que tenho é pegar o ônibus, o resto em si consigo superar, como trocar uma lâmpada, ligar o computador, trabalho com o word e consigo abrir um computador, faço mil coisas, sou bem preparado psicologicamente, consigo tirar proveitos de situações ruins, pra mim não há limites”.

Durante a conversa relatou que a sociedade não está querendo se preparar em relação aos deficientes, que professores de universidades não se disponibilizam em ajuda-los, em passar o material adaptado. Afirma: “A sociedade não quer aprender, ela se omite e mais tarde ela pode ser vitima, porque mais tarde vamos envelhecer e precisar de uma calçada plana, poder ficar cego de um glaucoma ou paraplégico, a gente luta pelo bem-estar até das pessoas que nos critica, nós lutamos por todo mundo”.

A Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna é de suma importância para o público deficiente visual, pois ela oferece a ele todo o suporte que precisam, o entrevistado Pedro Neto relatou que muitos usuários entraram frequentando a seção com apenas nível médio e hoje estão graduados e outros até concursados.

6.1 Proposta de um programa de Biblioterapia para portadores de deficiência visual na seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna

As bibliotecas públicas já existiam desde a antiguidade, porém o acesso à informação era muito restrito. Com o passar dos anos, elas foram se modernizando

e se adaptando as necessidades da comunidade, disponibilizando de tecnologias e seções para deficientes visuais. A biblioterapia como proposta de leitura para os cegos é um fator primordial para sua integração em um novo sistema social, e nesse processo de ressocialização a biblioteca é de suma importância, visto ser o objeto de atuação da própria.

A proposta de um programa na biblioteca pública Arthur Vianna surge com a necessidade de proporcionar um maior conhecimento de biblioterapia, no sentido de lhes oferecer subsídios para uma melhor solução de seus problemas e necessidades. O cego é visto, por uma parcela da população, muito mais como objeto de comiseração e alvo de assistência humanitária, do que como um ser com imenso potencial e amplas possibilidades de participar do processo social e do contexto produtivo.

A Seção Braille da Biblioteca ajudaria da seguinte forma:

O Bibliotecário (a) selecionaria os materiais bibliográficos, preferencialmente didáticos e sobre cegos, com o propósito de examinar a situação de sua própria vida, em vista do que ele irá ler. Desta forma, a leitura torna-se uma forma terapêutica, ajudando-os, a saber, quem é e de se sentirem útil.

Numa outra etapa seria necessário fazer a implantação de um programa de leituras com os deficientes que não foram alfabetizados, através de sessões de leitura em grupo de jornais ou revistas ou até mesmo em individual.

De acordo com Pereira (1996, p. 85), o leitor cego poderá se acalmar ao saber que outra pessoa cega também se sentiu isolada, inútil, e desinteressada pelos entes querido, durante o princípio do ajustamento.

É importante também escolher livros que sejam de interesse para o cego em outros temas, fora a cegueira. O profissional que irá atuar com a técnica de leitura, poderá realizar perguntas a fim de ajudá-los a fazer comparações e delinear situações da sua vivência. Com exemplo: Se o que leu foi encorajador e útil? ; Que personagem do livro achou mais parecido com ele? ; Como os personagens cegos resolvem seus problemas?

Diante disso, podemos perceber que para se obter o resultado que se espera, todos os gestores de bibliotecas e voluntários devem trabalhar em equipe, com a consciência do que a biblioteca e o programa de leitura pretende alcançar e que cada um é parte fundamental neste processo.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao selecionar o tema Biblioterapia como proposta desta pesquisa para o desenvolvimento de uma ação voltada para as pessoas cegas, a nossa primeira preocupação foi identificar quais os instrumentos existentes nas unidades de informação para a apoio às suas necessidades de pesquisa e como pode incidir o trabalho do bibliotecário não só como agente facilitador nas pesquisas desse indivíduo, mas para produzir uma mudança comportamental nas pessoas interessadas na socialização desse indivíduo.

A proposta da biblioterapia para a seção Braille da biblioteca Arthur Vianna foi pensada para os usuários com deficiência visual a fim de auxiliá-los na sua integração como indivíduos participantes e úteis à comunidade. A formação de grupos de leitura, proposta desta pesquisa, intenta conjugar o trabalho de profissionais da área de biblioteconomia, psicologia, pedagogia e outros, para poderem atuar formando grupos de leitura, com a seleção de livros ou revistas bem como interagir com o indivíduo deficiente visual, a fim de melhorar a sua autoestima e o psicossocial.

A biblioterapia pode ser um meio possível e efetivo, para as mudanças de comportamento, autocorreção, interação com a sociedade e superação de medos, encarando sua situação de forma realista, de forma a conduzir à ação. Pois os deficientes visuais são alvo ainda de muita discriminação pela sociedade como relatado na entrevista pelo usuário com deficiência, onde as pessoas esquecem a qualquer momento que elas podem estar na mesma situação que ele e se sentirem "excluídos" ou incapacitados de realizar os seus deveres como cidadãos.

A importância de grupos profissionais dispostos a ajudar esses deficientes, amplia o conhecimento dos demais e da sociedade a enxergá-los como seres capacitados e incluí-los no meio em que vivem, participando da atividade socioeconômica. E assim, haveria uma evolução na acessibilidade, inclusão, e emocional destes deficientes visuais.

Portanto a pesquisa proposta da biblioterapia aplicada à seção Braille foi com o intuito de um atrativo a mais para os usuários cegos, que se beneficiariam desta técnica, ajudando-os psicologicamente e na melhoria da interação do convívio com

os demais seres humanos, mostrando que podem realizar diversas tarefas que uma pessoa normal tem capacidade, logicamente exceto algumas, independente da sua possibilidade de não enxergar.

REFERÊNCIAS

- AMORIM, M. L. C. **Construção e adaptação de um teste de atenção para indivíduos com deficiência visual**: estudo baseado no teste de atenção de Bams. Dissertação (Mestrado em Ciências do Desporto). - Faculdade de Desporto da Universidade do Porto, Porto, Portugal. 2006
- ALVES, Maria Helena H. A aplicação da Biblioterapia no processo de reintegração social. **Revista Brasileira de Biblioterapia e Documentação**. Belo Horizonte, v. 15 n.1, p.54-61, jan/jun. 1982.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Mediação da Informação e da Leitura, 2007. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - UEL, 2., 2007, Londrina. **Anais...** Londrina: UEL, 2007.
- BELARMINO, Joana. **Braille e semiótica**: um diálogo relevante, 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/>. Acesso em: 14 de fev 2017.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: Adaptações. Brasília: MEC /SEF/SEESP, 1998. p. 62.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. A aplicabilidade terapêutica de textos literários para crianças. **Encontros Bibli: R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf.**, Florianópolis, v. 9, n. 18, p. 72-89, 2º sem. 2004.
- CUBILLOS, M.F. Usuários **de bibliotecas com discapacidad psiquiátrica**. Série Bibliotecología y Gestión de Información, n. 39, ago. 2008.
- FERREIRA, Lusimar Silva. **Bibliotecas universitárias brasileiras. Análise de estruturas centralizadas e descentralizadas**. São Paulo, Pioneira, 1980.118 p.
- FERREIRA, Danielle Thiago. Biblioterapia: uma prática para o desenvolvimento pessoal. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 4, n. 2, p. 36, 2003
- HORNE, Erica M. A look at bibliotherapy. **Special Libraries**, Illinois, v. 86, n.1, p. 27-31, jan. 1975.
- KIRK, Samuel A; GALLAGHER, James J, **Educação da criança excepcional**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996. 503 p.
- LUCAS, E. R. O.; CALDIN, C. F.; SILVA,P. V. P. Biblioterapia para crianças em idade pré-escolar: estudo de caso. **Perspectiva em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 11, n. 3, p. 398-415, set. /dez. 2006.
- MARTÍN, Manuel Bueno; RAMÍREZ. Francisco Ruiz. Visão Subnormal. In: BUENO MARTÍN, Manuel; TORO BUENO, Salvador; ARJONA ARIZA, Carmen (Orgs.). **Deficiência visual: aspectos psicoevolutivos e educativos**. Tradução de Maria Lourdes Pedro. São Paulo: Santos, 2003. p. 27-43.
- MARCINKO, Stephanie. Bibliotherapy: practical applications with disabled individuals. **I Current Studies in Librarianship**, v. 13, n. ½, p. 1-5,1989.
- MIRANDA, M.R.P.F. **Informação, leitura e inclusão educacional e social nas bibliotecas Braille DE Campo Grande-MS**: um estudo de caso. 2006. 216 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Economia,

Administração, Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação, Universidade de Brasília, Brasília.

MONTET, Pierre. **O Egito no tempo de Ramsés (1300 AC. a 1100 AC.)**. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

MON, F. Algunas definiciones en torno al concepto de discapacidad visual. **Periódico El Cisne**, Buenos Aires, out. 1998.

NASCIMENTO, Geovana Mascarenhas do; ROSEMBERG, Dulcinea Sarmento. **A biblioterapia no tratamento de enfermos hospitalizados**. Inf. & Inf., Londrina, PR, v. 12, n. 1, jan. /jun. 2007.

OUAKNIN, Marc-Alain. **Biblioterapia**. São Paulo: Loyola, 1996.

ORSINI, Maria Stella. O uso da literatura para fins terapêuticos: biblioterapia. **Comunicações e Artes**, n. 11, p. 139-149, 1982.

PEREIRA, Marília M. Guedes. **Biblioterapia**: Proposta de um programa de leituras para portadores de deficiência visual em Bibliotecas públicas. João Pessoa: UFPB, 1996.

PEREIRA, Marília Mesquita Guedes. **A biblioterapia em Instituições de deficientes visuais**: um estudo de caso. 1989. 305 f. Dissertação (Mestrado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.

RABELLO, O. C. P. O deficiente visual e a Biblioteca Pública Estadual “Luiz de Bessa”. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 39-60, mar. 1989.

SANDES, Liziane Fernandes. **A leitura do deficiente visual e o sistema Braille**. 2009. 77 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade do Estado da Bahia, Salvador. 2009

SILVA, Ruy da. Educação física, esporte e recreação para o deficiente físico. **O Mundo da Saúde**, São Paulo, v. 4, n.14, p.93-96, 1980.

WERTHEIN, Jorge. O ensino de ciências e a qualidade da educação. **Ciência Hoje**. Pernambuco, 2005. Disponível em: <<http://www.jornaldaciencia.org.br/Detalhe>> Acesso em: 16 de mar. 2017.

PORTAL DA EDUCAÇÃO, Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/conceitos-e-caracteristicas-da-deficiencia-visual/44645>> Acesso em: 14 mar. 2017.

APÊNDICE A: Roteiro de Entrevista para funcionários da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna

I Identificação

1.1 Nome:

1.2 Idade:

1.3 Profissão:

II Como funcionam os serviços da seção Braille?

III Qual o sistema utilizado? E Como funciona?

IV Qual a frequência diária dos usuários?

V É realizado algum momento de grupos de leitura na seção?

VI Qual a importância da Seção Braille para a inclusão de usuários cegos?

APÊNDICE B: Roteiro de Entrevista realizada com usuário cego da Seção Braille da Biblioteca Arthur Vianna

I Identificação

1.1 Nome:

1.2 Idade:

1.3 Profissão:

1.4 Quanto tempo utiliza o serviço da Seção Braille:

II Você costuma frequentar sempre a seção braille do centur?

III Você acha necessário o leitor humano na seção braille?

IV Qual a sua preferencia pelo material de leitura?

V Você tem conhecimento da Biblioterapia?

VI Como é seu cotidiano, o enfrentamento das dificuldades?